



CHAI-NA

ARANTES, OTÍLIA BEATRIZ FIORI.
1. ED. SÃO PAULO: EDUSP, 2011, 192 P.

ISBN 978-85-314-1288-2

Ruy Sardinha Lopes

UM ESTUDO SOBRE A ERA DAS FORMAS URBANAS EXTREMAS

¹ *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Edusp, 1993, e *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

A darmos ouvidos à boa parte da literatura recente, que, partindo de diversos matizes teóricos, tenta apreender o que se poderia chamar “o atual estado de coisas”, chegaremos à conclusão que a experiência do excesso constitui a marca distintiva do *capitalismo tardio*, para utilizarmos a expressão adotada por um desses teóricos, Fredric Jameson, que, já nos idos dos anos 80, falava em hiperespaço. Termos como hipercapitalismo, turbo-capitalismo, hiperconsumo, hiperurbanismo, hiperestesia, etc., parecem substituir um imaginário que, até bem pouco tempo, foi marcado pela retórica do fim: do sujeito, do espaço, da história, das metanarrativas, da verdade.

Embora possamos remeter, na esteira de Simmel e Benjamin, as origens da “cultura do excesso” à vivência da metrópole moderna, é certo que a escala ciclópica, a celeridade e os novos ingredientes, acionados por um capital cada vez mais ávido por lucros fáceis e fictícios, distanciam-nos daquele universo perceptivo e conceitual.

Mudança de paradigma? Mutação pelo excesso? Essas parecem ser algumas das perguntas a que o atual livro de Otilia Arantes procura responder. Já em seu título *Chai-na*, em mandarim, “demolir a ”, aponta para o necessário desvelamento do que a aura megal mana dos números, impulsionada pelo fetiche do excesso, insiste em encobrir: atrás – ou melhor, ao lado,   frente – dos “novos mundos de sonho abastados”, “ruínas sociais de toda ordem”.

Se os reluzentes *skylines*, a intensa prolifera o das cidades instantâneas, os megan meros da constru o civil e os bilhões de dólares que os acompanham têm levado boa parte dos analistas contemporâneos a seduzir-se com o caráter fetichista da produ o capitalista, a  travestido de forma urbana, o que nos oferece a autora, como em dois livros anteriores¹,   a vitalidade – e

oportunidade – de uma crítica, marxista, que, ao se libertar do jogo das aparências da realidade, afasta-se do impulso descritivo de como está se dando a História, para se ater ao modo de funcionamento, à lógica processual e às diversas mediações que configuram o concreto como unidade do diverso.

Como não se trata de nominalismo ou idealismo, tal método exige, constantemente, que se ponham as sínteses conceituais à contraprova de seu ponto de partida. Assim, muitos dos conceitos que serviram anteriormente para iluminar as múltiplas determinações da hora presente, tais como “arquitetura simulada”, “planejamento estratégico”, “cidade-empresa” ou *city marketing* – e em grande parte ainda repisados pela crítica atual –, precisam ser revistos, não por sua obsolescência teórica, mas pela necessária atenção às mudanças do próprio objeto que se tenta apreender.

Se nossa leitura estiver correta, aproximamo-nos, aqui, como o leitor terá percebido, do campo da economia política e de seu método, tal qual foi reformulado por Marx, com a importante observação da qual Otília Arantes lhe opõe uma nova problemática, um novo objeto: a forma urbana contemporânea, marcada pelo processo de “imagificação” da cidade.

Trata-se, portanto, de investigar-se os mecanismos pelos quais a lógica da acumulação se sedimenta em uma determinada forma urbana, mais ou menos adequada aos interesses do capital, o que nos leva à oscilação, apontada por Lefebvre², entre a *lógica da forma* e a *dialética dos conteúdos*. Ao situar-se “do ponto de vista da forma urbana”, Otília Arantes não só opõe uma nova problemática à economia política, como sugere uma nova agenda investigativa e analítica, aos especialistas e estudiosos dos fenômenos urbanos e arquitetônicos.

Ao acompanharmos o percurso de sua argumentação, nos três livros aqui referidos, veremos que, se a arquitetura ocupou, nos idos dos anos 80 e 90, o primeiro plano na cena contemporânea, e a análise de sua forma permitia-nos, a um só tempo, iluminar alguns equívocos de origem e, com a pretensa reversão do projeto moderno, esclarecer o modo de funcionamento de um sistema econômico cada vez mais “imaterial” e “espectacularizado”, aqui ela aparece totalmente convertida em “forma-publicitária”, vitrine midiática destinada a reencantar o mundo dos negócios e o imaginário mundial. Se a alusão, benjaminiana, à arquitetura, como a mais antiga arte de massa, já indicava tal possibilidade, é somente agora que podemos vislumbrar suas consequências, nada emancipatórias.

Também as questões urbanas e o pensamento que as acompanha, e que ganharam, naquela época, nova vitalidade, revestindo-se, em alguns casos, da retórica antissistêmica, logo se mostraram “estratégicos” às “máquinas de crescimento urbano”, e a pretensa retomada do espaço público revelava, enfim, seu lado espectral. A novidade da hora presente, explicitada pelo estudo em questão, é a dispensa, para os efeitos da lógica acumulativa, das justificativas que até então a acompanhavam, daí a necessidade de novos arcabouços conceituais, capazes de apreender essa mutação pelo excesso.

Estamos, pois, do ponto de vista do objeto analisado, diante de um processo de criação de fantasmagorias que requerem explicação materialista. Para tanto, na primeira parte, intitulada *Ruínas do futuro*, Otília se aproxima ainda mais de um autor que esteve sempre presente em seu percurso, mas que agora aparece revisitado, pelo viés de seu contato com o surrealismo e mediado pelas lentes de Susan Buck-Morss: Walter Benjamin.

² Ver LEFEBVRE, Henri . A forma urbana. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

É que, após atestar que a marca da vida metropolitana e da cultura de massa que a acompanha é a da “desaturatização”, Benjamin reconhece que o nível onírico inconsciente reclama um novo reencantamento. Extinta a possibilidade de uma experiência autêntica, que confira sentido e identidade ao indivíduo moderno, inaugura-se um vazio, que foi ocupado pelo universo das mercadorias e, mais especificamente, pelos “produtores da cultura de massa”, com posição de destaque para a arquitetura.

Ainda que, sem o apoio que o distanciamento daquela hora nos confere, fosse possível a Benjamin pleitear um despertar materialista daqueles mundos-de-sonho – agora revelados pesadelos –, resta-nos a certeza operativa, à esquerda e à direita, da “face fascinante e ameaçadora do mito”.

Se o colapso da modernização, nos países soviéticos, representa a imposição do princípio de realidade e do reconhecimento do “sonho como sonho”, mesmo que propiciando “todo o tipo de encenação estética do desastre”, o curioso é que, do outro lado, em um mundo finalmente ocidentalizado, as “ruínas do futuro” insistam em colonizar nosso inconsciente, ainda que “*tudo pareça correr numa velocidade inaudita em direção à catástrofe iminente, como na congênere soviética*” (p. 30).

Tal persistência faz com que o conceito de fantasmagoria, despido de sua vocação metafísica, seja acionado, para explicar as dinâmicas espaciais da atualidade, e que se possa, como sugere nossa autora, repisar o solo fértil das formações urbanas paradigmáticas do século passado à sua luz. Ao fazê-lo, Otilia nos fornece algumas pistas, essenciais ao desvendamento da hora presente: primeiro, a passagem, quase sem ruptura de continuidade, da cidade-de-sonhos para a cidade-dos-negócios; segundo, os indícios da síndrome da hiperdimensão e do fetiche do excesso, que, como vimos, atingem, agora, dimensões cósmicas.

Munidos de tais instrumentos analíticos, estamos em condições de, com a autora, voltar a nosso ponto de partida e buscar uma melhor compreensão dessa *Era das formas urbanas extremas* – que coaduna um capitalismo turbinado com o hiperdimensionamento das máquinas de crescimento urbano, que compõe a segunda parte de seu livro.

Vários são os ingredientes dessa “modernidade singular” chinesa, o que faz girar em falso antigas categorias, torna de difícil aplicação os modelos ocidentais de empresariamento urbano ou de *city marketing*, e faz com que o capitalismo ali praticado reúna elementos muitas vezes ausentes, ou tidos em segundo plano, pelo Ocidente; de modo que, a confirmar-se a hipótese que estaríamos assistindo ao surgimento do novo *hegemon*, poderíamos falar de uma “mudança de paradigma” do próprio capitalismo.

Não o preconizado por Giovanni Arrighi³, que, após analisar os cursos das revoluções industriais, chinesa (baseada no caminho “natural” de desenvolvimento econômico, preconizado por Adam Smith), e industrial, europeia, e atestar a ascensão e o declínio da última, aposta suas fichas em um mercado global, que, sob a liderança da China – desde que consiga se desvencilhar do caminho ocidental de consumo excessivo de energia –, promova uma melhor equalização das relações de poder entre Norte e Sul; a substituição do Consenso de Washington pelo Consenso de Pequim, como sentenciou Joshua Cooper Ramo (apud Arrighi): “um caminho para os outros países do mundo” não só se

desenvolverem, mas também “se encaixarem na ordem internacional, de modo a permitir que sejam verdadeiramente independentes, protejam seu modo de vida e suas opções políticas”⁴.

O que a atenção ao “novo objeto” – a hiperurbanização chinesa – faz-nos ver é a confluência de diversos interesses e dinâmicas⁵: dos grandes interesses do capital – e sua necessidade fáustica de grandes signos midiáticos, representada pelas edificações megalômanas que pululam na paisagem urbana da Nova China, com o merecido destaque para a torre da CCTV (China Central Television), de OMA/Koolhaas e Olen Sheere; dos escombros e massa de desassistidos, também produzidos à exaustão por essa lógica lancinante; de uma política de “acumulação” territorial e do processo de *world city making*, em que os interesses e poder da classe dirigente central, das agências estatais de desenvolvimento-incorporação e dos dirigentes locais criaram aquilo que David Harvey chamou de “privatizações com características chinesas”⁶, que guardavam, pelo menos no tempo em que foram acionadas por Deng Xiaoping, importantes diferenças em relação àquelas praticadas no Ocidente; de uma restauração do poder de classe, que transformou não somente a China em uma das sociedades mais desiguais do mundo, mas também, como assinala Otilia Arantes, deu origem a uma configuração urbana bastante estratificada; e da persistência – social e econômica, já que constituem a maior parte da “economia secundária” emergente de Pequim (p. 140) – de um dos resquícios da tradição chinesa, os pequenos empreendedores⁷ – *petty capitalists* –, que, mesmo sem “direito à cidade”, mereceriam, segundo nossa autora, uma classificação espacial, complementar àquela elaborada por Li Zhang, de acordo com os “estilos de vida” da população⁸, que desse conta de seu “lugar”. Na síntese de Otilia Arantes: “estamo-nos confrontando com a combinação desconforme de números astronômicos com implantes na escala social de um aldeamento.” (p. 69)

Várias são as determinações palpáveis dessa hiperurbanização, muitas das quais aventadas por Arantes ao longo de seu livro, como a necessidade de absorver-se, depois de um longo período de desurbanização, o numeroso exército de reserva de mão de obra oriundo das regiões rurais; a necessidade de uma ampla infraestrutura, que antecipe o crescimento urbano pretendido; uma política de estímulo à poupança via propriedade; a formação de um crescente e importante mercado de consumo; acrescidos do fato, nada insignificante, que o investimento em capital imobilizado, como as infraestruturas urbanas e os bens duráveis de consumo e moradia, constitui um excelente (embora episódico) mecanismo de absorção de capital e trabalho excedentes.

Se tais ingredientes, inerentes a uma *dialética dos conteúdos*, não podem escapar a uma análise materialista, um dos méritos desta obra é demonstrar, justamente, o seu limite, ou, melhor, a necessária complementação de uma outra ordem – onírica, cultural, estética –, a qual é preciso inquirir, para que possamos despertar desse sonho sonhado.

Nesse sentido, cabe uma última nota (não desenvolvida). Em primeiro lugar, sobre a importância de uma filmografia chinesa, utilizada pela autora e que, como sugere, tem conseguido deslindar algumas camadas dessa complexa equação. Em segundo lugar, a presença, essencial nesta edição, das fotografias, não como um reforço documental do delírio em que estamos imersos, mas como um

⁴ Idem, *ibidem*, p. 383.

⁵ Um caso típico, diria Harvey, de “governança urbana” em operação em uma nova “ordenação [fix] espaço-temporal” propícia às atividades lucrativas do capital (ver a esse respeito HARVEY, David, *A produção do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005).

⁶ HARVEY, David. *O neoliberalismo: historia e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 133.

⁷ Embora haja, por parte da crítica especializada, uma crescente atenção em relação aos *mingongs*, trabalhadores migrantes oriundos, em sua maioria, das antigas áreas rurais, cuja condição de vida precária foi tão bem retratada pelas lentes do cineasta chinês Jia Zhangke, Otilia destaca essa outra categoria de migrantes, constituída de pequenos empreendedores (*liudong renkou*) e que representam parte importante da população urbana, pelo menos de Pequim.

⁸ 1) os bairros de luxo – “jardins” e “vilas”; 2) os bairros das camadas médias; e 3) os bairros de comunidades de assalariados, de *gongxin* ou *gongxin jieceng xiaogu* (cf. capítulo “Reconstruindo a China”, p. 128-140)

instrumento de sondagem e questionamento da fantasia coletiva. Da imagem da feira na rua Sukharevskaia (p. 16), ao Pavilhão da China (p. 175), realidades distintas, imagens discordantes são aproximadas, tal qual em uma poética surrealista, com o objetivo de questionar a produção de sentido (ou sua falta) na sociedade contemporânea. Se, como também alerta Otilia Arantes, a sustentabilidade do planeta (ou do capitalismo?) começa a ganhar contornos de um outro sonho coletivo, as imagens finais, de terremoto na China, em 2008 e 2010 (p. 181), dão o que pensar.

Ruy Sardinha Lopes

É doutor em Filosofia pela FFLCH-USP e professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Carlos.

(16) 3373-9300

rsard@sc.usp.br